

Só a UDN salva a República: um estudo sobre a atuação de Oscar Dias Corrêa (1945-1955)

Only UDN saves the Republic: a study about the performance of Oscar Dias Corrêa (1945-1955)

Solo la UDN salva la República: um estudio sobre la actuación de Oscar Dias Corrêa (1945-1955)

Laurindo Mekie Pereira¹

<https://orcid.org/0000-0003-1318-1798>

RESUMO: O artigo discute a atuação do parlamentar mineiro Oscar Dias Corrêa, especialmente entre 1945 e 1955. Analisamos sua trajetória política, considerando a conjuntura, as culturas políticas então vigentes e concorrentes, bem como suas idiosincrasias políticas, destacando seu arraigado udenismo e o discurso anticorrupção, aspectos principais no seu combate ininterrupto a Juscelino Kubitschek.

PALAVRAS-CHAVE: Oscar Dias Corrêa, Cultura política udenista, Juscelino Kubitschek.

ABSTRACT: The article discusses the work of parliamentary mineiro Oscar Dias Corrêa, especially between 1945 and 1955. We analyzed his political trajectory, considering the conjuncture, the political cultures current and in competition in that time, and his political idiosyncrasies, emphasizing his strong udenismo and the anti-corruption discourse, main aspects in his endless politics to combat against Juscelino Kubitschek.

KEYWORDS: Oscar Dias Corrêa. UDN's politics culture. Juscelino Kubitschek.

RESUMEN: El artículo discute la actuación del parlamentario de Minas Gerais Oscar Dias Corrêa, especialmente entre 1945 y 1955. Analizamos su trayectoria política, teniendo em cuenta La coyuntura, las culturas políticas vigentes en la época y competitivas, así como sus idiosincrasias políticas,

¹ Professor da Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes), atuando nos Programas de Pós-Graduação em História/PPGH e Desenvolvimento Social/PPGDS. Doutor em história pela Universidade de São Paulo (USP) e pós-doutorado pela Universidade Nova de Lisboa/UNL. Organizador de Desenvolvimento em Minas Gerais: projetos, agentes e viveres (Paco Editorial, 2017). Possui estudos em história política, história intelectual/história dos intelectuais, Brasil República. E-mail: mekie1@hotmail.com



destacando su arraigado udenismo y el discurso anticorrupción, principales aspectos em su combate sin interrupción a Juscelino Kubitschek.

PALABRAS CLAVE: Oscar Dias Corrêa, Cultura política udenista, Juscelino Kubitschek.

Para citar este artigo:

PEREIRA, Laurindo Mekie. Só a UDN salva a República: um estudo sobre a atuação de Oscar Dias Corrêa (1945-1955). **Locus - Revista de história**, Juiz de Fora, v.25, n. 2, p.183-205, 2019 E-ISSN: 2594-8296 - ISSN-L: 1413-3024

Propomos uma reflexão sobre o processo político brasileiro no período de 1945 a 1955, recortando para análise a intervenção do parlamentar Oscar Dias Corrêa (1921-2005). Mineiro de Itaúna, Corrêa teve longa e movimentada carreira política, destacando-se ainda como escritor e professor. Foi deputado entre 1947 e 1966, ocasião em que abandonou a vida parlamentar em protesto contra o Ato Institucional n. 2, fato emblemático de uma personalidade política e de um segmento da cultura udenista que, por caminhos tortuosos, surgiu exaltando a liberdade e a democracia, ficava enfurecido contra os segmentos mais pobres quando perdia as eleições, flertava com o golpismo, engajou-se contra o governo de João Goulart, apoiou o golpe de 1964, contribuiu para legitimar o ato de força e o novo regime e, depois, rompeu com este quando sua face mais autoritária se impôs.

Oscar Dias Corrêa foi um dos mais combativos nomes dessa corrente no interior da União Democrática Nacional (UDN), composta fundamentalmente por bacharéis, entre outros, Afonso Arinos de Melo Franco, Bilac Pinto, Aliomar Baleeiro, Milton Campos. Entre as muitas áreas de sua atuação, destaca-se um discurso que combina moralismo, purismo e salvacionismo.

Para tentar compreender, ainda que parcialmente, a sua trajetória, organizamos o texto com as seguintes partes: após essa breve introdução, apresentamos os dados biográficos de Oscar Corrêa, fazemos uma incursão pelo udenismo e pela mineiridade, culturas políticas nas quais ele se formou, e tratamos de sua atuação político-parlamentar, com ênfase no período 1945-1952, antes das considerações finais.

² Não discutiremos aqui a crise política de novembro de 1955, tema por demais importante, mas que escapa ao nosso recorte focado nas intervenções de Oscar Dias Corrêa, personagem praticamente ausente desse episódio.

Oscar Dias Corrêa (1921- 2005)

Em 1987 veio a lume uma pequena biografia de Manoel Dias Corrêa. O autor destacou a educação rigorosa recebida em casa, nos padrões tradicionais do Portugal oitocentista; posteriormente, traçou uma história vitoriosa no Brasil, especialmente em Itaúna/MG, onde Manoel, vencendo grandes dificuldades, tornou-se destacado comerciante e liderança política. A narrativa não chega aos extremos da ilusão biográfica de que fala Bourdieu³, mas se percebem linhas organizadas que procuram fazer crer numa história de vida com rota razoavelmente bem definida, em que sobressaem os valores do “civismo” e o “amor ao Brasil”, evidenciam-se a “vocação política, o espírito voltado incansavelmente para as grandes causas”, as virtudes do “cidadão exemplar, pai de família modelo, homem cívico de inigualável patriotismo.”⁴

O biógrafo é Oscar Dias Corrêa. Os valores e virtudes que ele atribui ao pai são, a rigor, os mesmos que os seus filhos e os amigos lhe atribuem em vídeo de 2016. “Ele sempre fez uma questão especial de manter íntegras as lições que ele tinha aprendido na vida dele do pai”, diz Oscar Corrêa Júnior, seu filho “Oscarzinho”. Tratando da esfera política, o presidente da Academia Mineira de Letras Jurídicas, Aristóteles Atheniense, exalta o amigo: “Ele sobrepunha os interesses nacionais, o interesse público, a qualquer amizade ou a qualquer relacionamento que tivesse”⁵.

Oscar Dias Corrêa nasceu em Itaúna/MG, em 1921. Ali fez seus primeiros anos escolares e também recebeu a educação doméstica, sob o “modelo português de educação, que deu muito certo e, para mim, é ainda o melhor. O pai fala, e o filho obedece”⁶.

Em 1943, graduou-se em Direito pela Universidade de Minas Gerais. No mesmo ano, venceu dois concursos nacionais promovidos pelo Instituto de Advogados Brasileiros (IAB), concursos de monografia e de oratória. A sessão unificada de entrega foi um dos “momentos de glória da minha vida”. “Foi aquela ovação”⁷, registra Oscar em suas memórias.

As vivências e o reconhecimento precoce no campo do Direito foram fundamentais na formação política do jovem Oscar Corrêa. O campo do direito, com destaque para o IAB, especialmente em Belo Horizonte, era terreno fértil do anti-getulismo e foi, também, o lócus de nascimento da UDN.

³ BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Orgs.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

⁴ CORRÊA, Oscar Dias. *Manoel Dias Corrêa: um brasileiro nascido em Portugal*. Rio de Janeiro: Forense, 1987, p.5.

⁵ TEMPO E HISTÓRIA. Oscar Corrêa (24/07/16). Vídeo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3V_njzt9as>. Acesso em: 01 set. 2019.

⁶ MINAS GERAIS. Assembleia Legislativa. *Oscar Dias Corrêa*. Belo Horizonte: ALMG, 2000, v. 1, 2 (Coleção Memória Política de Minas, 4). p. 19.

⁷ MINAS GERAIS, 2000, p. 55.

A relação entre estudantes, professores do Direito, advogados e juristas com o partido udenista fora bastante estreita naqueles anos iniciais da redemocratização⁸. Por sinal, Oscar Corrêa, nas diversas atividades que desenvolveu após se tornar advogado, transitou por várias instituições e ambientes, pode-se dizer redes de sociabilidades⁹, onde se encontravam e conviviam aqueles cidadãos urbanos, homens de classe média, perfil predominante na UDN mineira.

Com o prêmio financeiro recebido pelas vitórias nos concursos do IAB, Oscar Corrêa montou seu escritório e passou a advogar. Mas essa foi apenas uma das suas áreas de atuação. Em 1946, ocupou o primeiro cargo público, como Oficial de Gabinete do Secretário de Finanças de Minas Gerais, no governo de curta duração de Júlio Ferreira de Carvalho. Em 1947, elegeu-se para a Assembleia Legislativa de Minas Gerais, onde ficaria por dois mandatos¹⁰.

A carreira docente começou na Pontifícia Universidade Católica - PUC Minas, em 1947, onde lecionou Direito do Trabalho na Escola de Serviço Social. A partir de 1952, foi professor catedrático de economia da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e, em 1957, foi aprovado em concurso público para professor catedrático da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade do Brasil (que viria a ser a Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ). No primeiro dia de aula, sabendo da presença de discentes marxistas, afirmava: “sou anti-marxista, anti-socialista, anti-comunista. Só não sou anarquista porque não posso. Meu desejo era ser anarquista, mas como a sociedade não dispõe ainda de condições para ser anarquista, sou neoliberal, neo-capitalista”¹¹.

Além de parlamentar, advogado e professor, Oscar Corrêa foi escritor, atividade em que se aventurava em diversas especialidades, como se vê pelos títulos que publicou, falando de economia, política e literatura¹².

⁸ LACERDA, Vitor. *O Udenismo e Minas Gerais: sujeitos, processos e culturas políticas (1943-1966)*. 2017. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2017. Sobre o surgimento da UDN, em Minas Gerais, vale destacar também o trabalho de Flávia Ferro, que elege como objeto principal a trajetória de Virgílio de Mello Franco: FERRO, Flávia Salles. *Virgílio de Mello Franco: trajetória política em tempo de mudanças (1929-1948)*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense (UFF), Juiz de Fora, 2015.

⁹SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René. (Org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: FGV, 2003. p. 231-262.

¹⁰ MINAS GERAIS, 2000.

¹¹CORRÊA, Oscar Dias. *Setenta anos de história e memória – 1935-2005*. Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: <<http://www.direitouterj.org.br/2005/fdir70/depOC.htm>>. Acesso em: 9 fev. 2019.

¹² Entre suas publicações, destacam-se: *Aspectos da racionalização econômica* (1949), *Economia política: introdução e conceitos fundamentais* (1951), *Introdução crítica à economia política* (1957), *Brasília* (romance histórico, 1968), *Alcance e compreensão da declaração dos direitos do homem* (1968), *A Constituição de 1967: contribuição crítica* (1969), *A Constituição da República Federativa do Brasil* (1969), *Os partidos políticos - os sistemas eleitorais* (1971), *Autoritarismo* (1980), *A defesa do estado de direito e a emergência constitucional* (1980), *Vultos e retratos* (coletânea literária, 1985), *A crise da Constituição, a Constituinte e o Supremo Tribunal Federal* (1986), *O acordo de garantia de investimentos entre os Estados Unidos do Brasil e os Estados Unidos da América* (1966), *O Supremo Tribunal Federal, corte constitucional do Brasil* (1987), *De beca, borla e capelo* (perfis escritos em parceria com Nicola Falabella), *Manoel Dias Corrêa, um brasileiro nascido em Portugal* (1987), *Vozes de Minas* (1989), *Discurso de posse na Academia Brasileira de Letras* (1990), *A Constituição de 1988: contribuição crítica* (1991), *O sistema político-econômico do futuro: o*

Os anos 1950 assinalaram sua ascensão política em âmbito nacional. Elegeu-se deputado federal em 1954, sendo sempre reeleito até abandonar a vida parlamentar em 1966. Foi vice-líder da UDN e, em 1965, galgou o posto máximo na vida partidária, sendo secretário geral da União Democrática Nacional, único partido político a que pertenceu em toda a sua carreira.

Após 1966, dedicou-se com mais afinco à vida universitária. Tornou-se professor de Introdução à Economia da Universidade de Brasília (UNB), em 1967. Em 1976, iniciou experiência nova, como diretor da Faculdade de Direito da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). “Foi ainda professor substituto de ciência das finanças da Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, professor de economia política do curso de doutorado dessa mesma instituição”¹³.

Destaque na área jurídica, Oscar Dias Corrêa foi nomeado Ministro do Supremo Tribunal Federal (STF) em 1982 e do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) em 1984. Foi nomeado pelo Presidente José Sarney para o Ministério da Justiça em 1989, mesmo ano em que foi eleito para a Academia Brasileira de Letras. Em uma das suas mais controvertidas opções políticas foi contrário à convocação da Assembleia Nacional Constituinte no pós-ditadura.

Apesar das muitas atividades em que se envolveu o nosso personagem, “o traço mais marcante do homem público Oscar Dias Corrêa (...) é sua visceral vinculação à UDN, partido que ele encarnava e defendia com todas suas energias”¹⁴.

Mineiridade e Udenismo

Em 1954, Oscar Dias Corrêa publicou uma série de artigos no *Diário de Notícias* desancando Juscelino Kubitschek. No dia 18 de dezembro, concluiu o texto “A energia... verbal de Juscelino” em tom de lamento sobre a história de Minas Gerais: “Como decaiu seu governo nas tradições de lisura, honestidade, nobreza! Pobre Minas! E agora, com seu santo nome, se tenta impingir no país a solução que não lhe serve”¹⁵.

Lisura, honestidade e nobreza, ou sinônimos delas, são palavras recorrentes nos discursos udenistas. Nos termos do articulista, são também patrimônio de Minas Gerais que a gestão estadual de JK estaria conspurcando.

societarismo (1994). Fonte: FGV/CPDOC. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/oscar-dias-correia>>. Acesso em 15 jul. 2019.

¹³FGV CPDOC. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/oscar-dias-correia>>. Acesso em: 3 set. 2019.

¹⁴ADAUTO, Anderson. *Prefácio de Minas Gerais*. In: MINAS GERAIS. Assembleia Legislativa. *Oscar Dias Corrêa*. Belo Horizonte: ALMG, 2000. v. 1 (Coleção Memória Política de Minas, 4). p. 7.

¹⁵ CORRÊA, Oscar Dias. A energia... verbal de Juscelino. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 18 dez. 1954, p. 4.

Oscar Corrêa dizia não ser “o político mineiro tradicional”. “Em toda a minha vida pública sempre tive um péssimo conteúdo político ‘mineiro’, no sentido de esperto, sabido, matreiro.”¹⁶ Isso seria decorrente, conforme ele quer fazer crer, do seu estilo confrontador – “gostava do debate, da briga”¹⁷ – e da sua transparência – “As minhas posições, toda a vida, foram muito claras. Nunca tive qualquer pensamento escondido, dissimulado”¹⁸.

No entanto, quando se examinam os textos produzidos por ele nos anos 1950, as referências a Minas Gerais são, via de regra, positivas. A relação dele com a mineiridade é ambivalente, como de resto é praticamente todo discurso que dela se serve.

Sua imersão no mundo da política dá-se desde a infância, pelas mãos do pai Manoel Dias Corrêa¹⁹. Na sequência dessa experiência juvenil, formada na política local de Itaúna/MG, ele vivenciou o renascer da agitação político-partidária em Belo Horizonte nos anos 1940, integrando os círculos sociais e políticos de oposição ao Varguismo, participando da fundação da UDN e tornando-se, no decorrer do período democrático, um dos seus nomes mais emblemáticos.

Uma pessoa forma-se politicamente conhecendo, vivenciando valores e ideias que os diversos vetores de difusão das culturas políticas, a exemplo da família, da imprensa, escola e outras organizações, disseminam na sociedade²⁰. Entre as culturas ou subculturas políticas presentes em Minas Gerais naquela conjuntura, destacam-se a mineiridade e o udenismo.

Há uma vasta literatura sobre mineiridade. Para fins de síntese, é muito útil a classificação de Walderez Ramalho, discernindo entre os muitos escritores, líderes políticos e pesquisadores que versaram sobre a mineiridade, dois grupos: a) os essencialistas, que procuram discernir um conjunto de ideias e práticas que seriam razoavelmente fixas e próprias dos mineiros; e b) os não essencialistas, que apontam o caráter histórico do discurso da mineiridade, observando como ele expressa demandas específicas de cada tempo e grupo que dele se serve. No primeiro segmento estariam os clássicos trabalhos de autores como Diogo de Vasconcelos, Alceu Amoroso Lima, Sylvio de Vasconcelos e diversas lideranças políticas. O segundo seria composto basicamente por trabalhos acadêmicos, com destaque para as obras de Helena Maria Bomeny, Maria Arminda do Nascimento Arruda e Otávio Soares Dulci²¹.

¹⁶ MINAS GERAIS, 2000, p. 153.

¹⁷ MINAS GERAIS, 2000, p. 152.

¹⁸ MINAS GERAIS, 2000, p. 153.

¹⁹ MINAS GERAIS, 2000.

²⁰ BERSTEIN, Serge. Cultura política. In: RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François (Dir.). *Para uma história cultural*. Lisboa: Estampa, 1998.

²¹ RAMALHO, Walderez Simões Costa. *Historiografia da mineiridade: trajetórias e significados na história republicana do Brasil*. 2015. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, 2015.

Arruda pensa a mineiridade como algo muito abrangente, um mito construído ao longo da história e que, “quando politicamente instrumentalizado, adquire dimensão ideológica”²². Para ela, apesar de importante, a dimensão política não traduz toda a mineiridade. A sua expressão literária, por exemplo, “erige a possibilidade de superação ideológica ao inserir-se no universo cultural moderno”²³.

Por sua vez, Dulci²⁴ interpreta a mineiridade como a ideologia das classes dirigentes estaduais, forjada no século XIX e consolidada com a República. Longe de ser uma simplificação, o autor faz elaborada análise da formação histórica dessa ideologia e, embora seja explícito ao associá-la à estrutura das classes sociais, não descarta a possibilidade que se trate de algo compartilhado, em alguma medida, por outros segmentos sociais. Cauteloso, Dulci define-a como uma subcultura política cujos componentes básicos podem ser resumidos em seis pontos:

- a) o apego à tradição, o senso de continuidade;
- b) a valorização da ordem, da estabilidade, a prudência nas iniciativas;
- c) o senso de naturalidade, configurando uma visão evolucionista da sociedade e da história
- d) o centrismo, a aversão aos extremos, ao radicalismo, ou seja, a busca pelo meio-termo, da solução moderada;
- e) o realismo, o pragmatismo, a adaptabilidade às circunstâncias, associados à capacidade de transação, de acomodação de interesses;
- f) a perspicácia, a habilidade, a paciência, como meios de alcançar objetivos políticos a menor custo²⁵.

Como observa qualquer estudioso não essencialista do tema, a mineiridade é historicamente reconstruída constantemente, embora se possam identificar aspectos mais recorrentes, como o discurso do equilíbrio, da vocação para a política e a ideia de que Minas é a síntese da nação²⁶.

Avaliar a assimilação e o compartilhar da mineiridade entre os diversos segmentos sociais é muito difícil. Porém, há indícios razoáveis de que, em alguma medida, isso seja concreto. O primeiro é a eficácia desse discurso político cujo uso recorrente remonta aos primórdios da República. O segundo é que, após as contribuições dos estudos da história da cultura, a exemplo de Chartier²⁷ e Thompson²⁸, seria difícil pensar a mineiridade como uma cultura adstrita às elites mineiras, isolada dos outros grupos sociais. Em terceiro lugar, em trabalho específico sobre ensaios separatistas no norte de Minas Gerais, nota-se que, em pesquisa de opinião pública realizada pelos próprios organizadores do movimento,

²²ARRUDA, Maria A. do N. *Mitologia da mineiridade: o imaginário mineiro na vida política e cultural do Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1989. p. 198.

²³ARRUDA, 1989, p. 255.

²⁴DULCI, Otávio S. *Política e recuperação econômica em Minas Gerais*. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

²⁵DULCI, 1999, p. 195.

²⁶ RAMALHO, Walderez Simões Costa. *Historiografia da mineiridade: trajetórias e significados na história republicana do Brasil*. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, 2015.

²⁷CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.

²⁸THOMPSON, E. P. *Costumes em comum*. Estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

logo bastante insuspeita nesse quesito, entre os contrários à separação, o motivo mais apontado para sustentarem sua posição é que “não queriam deixar de ‘ser mineiros’”²⁹. Mas são apenas indícios, reconhecemos.

Se entre os “populares” o compartilhar da mineiridade permanece uma questão em aberto, entre os segmentos políticos, especialmente ao centro e à direita do espectro ideológico, parece algo quase consensual, embora, como já ressaltado, o termo comporte grande elasticidade, sendo apropriado e utilizado com muitos e distintos significados.

Assim como as lideranças do Estado foram centrais na criação do Partido Social Democrata (PSD), a ponto de Plínio Ramos (1993) defender que o PSD surgiu primeiro em Minas e depois tornou-se nacional, a UDN, o grande adversário do pessedismo, teve no Estado um dos berços fundamentais. A força simbólica do Manifesto dos Mineiros (1943) contribuiu para reforçar tal ideia. A seção mineira do partido foi, no dizer de Benevides, “a que melhor refletia o equilíbrio com a cúpula partidária, da qual sempre participou”³⁰.

Se estes fatos cooperam com uma das teses da mineiridade – a vocação política dos mineiros –, os duros combates entre pessedistas e udenistas em âmbito estadual colocam em xeque a ideia da unidade das elites políticas mineiras, pelo menos no período de 1945 a 1964. Naturalmente, um defensor da mineiridade poderia responder que, apesar do enfrentamento entre os dois grupos, ambos se reclamavam defensores das tradições mineiras e que essa diversidade seria prova de que o Estado é síntese do país...

Apesar das ideias genéricas normalmente usadas para caracterizar a UDN – “UDN é anti-getulista”, “a UDN é anti-estatista”, “a UDN é golpista”, o partido era complexo, diverso. Como explica Benevides, suas ambiguidades e contradições não seriam surpreendentes porque “A UDN surgiu como uma *frente*, organizou-se como um *partido* e identificou-se, também, como um *movimento* (o udenismo)”³¹.

Para nós, é importante destacar as dimensões de *frente* e *movimento*, porque mais coadunáveis com uma cultura política, embora esta também possa expressar-se em um ou mais partidos. O Udenismo foi, parece-nos, uma expressão razoavelmente organizada (o partido foi muito organizado) de certa cultura política de corte liberal, mas também conservadora e, em certas conjunturas, autoritária.

A heterogeneidade e divergências internas seriam uma constante, aspecto ressaltado em trabalhos clássicos sobre o tema, como em Maria Victória Benevides, e em estudos recentes, a exemplo da tese de

²⁹PEREIRA, Laurindo M. *Em nome da região, a serviço do capital: o regionalismo político norte-mineiro*. 2007. Tese (Doutorado em História) – Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2007, p. 142.

³⁰BENEVIDES, Maria Victoria Mesquita. *A UDN e o Udenismo: ambiguidades do liberalismo brasileiro (1945-1965)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981, p. 231.

³¹BENEVIDES, 1981, p. 12, grifos nossos.

Jorge Gomes de Souza Chaloub.³² A mobilização contra a ditadura de Vargas e contra o próprio getulismo e, posteriormente, contra o trabalhismo³³, foi fundamental para soldar a frente política que se expressava de forma institucional pela sigla UDN.

O liberalismo udenista é singular. Como destaca Chaloub, os bacharéis do partido, especialmente Afonso Arinos, Aliomar Baleeiro e Bilac Pinto, formularam uma “economia política udenista” que deve ser discernida para além da doutrina econômica *stricto sensu*. Tratava-se de uma visão de mundo na qual o projeto político sobrepõe-se às diretrizes econômicas. Diferentemente de paladinos do liberalismo de então, como Octávio Bulhões e Eugênio Gudin, os bacharéis udenistas operavam com outra lógica. Nas palavras do autor, para esses pensadores da UDN, “A organização social e política era construída a partir do Estado, que tinha no direito elemento privilegiado para essa tarefa, e não do mercado, com seu mecanismo de transformar os vícios privados do indivíduo utilitário em virtudes públicas.”³⁴

Esses bacharéis, classificados pelo autor em liberais conservadores – Afonso Arinos – e liberais modernizantes – Bilac Pinto e Aliomar Baleeiro –, convergiam na recusa ao liberalismo ortodoxo, como se vê em questões fundamentais, como na defesa que faziam da necessidade do planejamento e intervenção do Estado na economia, especialmente na forma de empresa pública, a exemplo da Petrobrás. Em síntese, “Dentre os pontos comuns ante a vertente liberal conservadora, permanece a perspectiva politizada da economia, que deveria sujeitar-se aos ditames mais amplos e profundos do interesse coletivo.”³⁵

É possível que o ápice do liberalismo udenista, do ponto de vista político-eleitoral, tenha se dado no seu nascedouro, quando emergiu como uma grande frente, reunindo segmentos diversos como remanescentes das oligarquias derrotadas em 1930, antigos aliados de Getúlio Vargas, como Virgílio de Melo Franco, dissidentes do Estado Novo, liberais com formação regional, amplos setores das classes médias urbanas e até setores esquerdistas³⁶. A honrosa e nítida exceção eram os trabalhadores leais a

³² CHALOUB, Jorge Gomes de Souza. *O liberalismo entre o espírito e a espada: a UDN e a República de 1946*. Tese (Doutorado em História) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, 2015.

³³Sobre o trabalhismo cf. GOMES, Ângela de Castro. *A invenção do trabalhismo*. Rio de Janeiro: FGV, 2005. Sobre o mesmo tema, mas especialmente focado na trajetória do PTB, na transformação do partido, emancipando-se do personalismo (varguista) que marcou sua primeira fase para o amadurecimento político enquanto agremiação portadora das bandeiras trabalhistas, cf. DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *PTB: do getulismo ao reformismo – 1945/1964*. São Paulo: Marco Zero, 1989. As obras de Gomes e Delgado integram um movimento historiográfico mais amplo acerca do populismo/trabalhismo, envolvendo, entre outras, a clássica interpretação de Weffort – WEFFORT, Francisco. *O populismo na política brasileira*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978 –, as teses revisionistas, a exemplo das já citadas Ângela Gomes e Lucília Delgado, mas também outros autores como Jorge Ferreira e Daniel Aarão Reis Filho – cf FERREIRA, Jorge (Org.) *O populismo e sua história: debate e crítica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001 – e críticos do revisionismo, a exemplo de FORTES, Alexandre. *O Estado Novo e os trabalhadores: a construção de um corporativismo latino-americano*. *Locus*, v. 13, n. 2, p. 63-86, 2007 e PARANHOS, Adalberto. *Os desafiados: sambas e bambas no “Estado Novo”*. São Paulo: Intermeios, CNPq, FAPEMIG, 2015.

³⁴ CHALOUB, Jorge Gomes de Souza Chaloub. A economia política dos bacharéis udenista. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 32, n° 94, junho/2017, p. 3.

³⁵ CHALOUB, 2017, p. 4

³⁶ BENEVIDES, 1981, p. 29-34.

Vargas. Naquela conjuntura, no discurso e na prática, o udenismo tinha como inimigo comum uma ditadura, aspecto que acentua a força do argumento democrático.

O tempo, essa máquina de moer convicções e/ou discursos, revelaria outras facetas do udenismo. O quererismo e o resultado da eleição presidencial de 1945 já revelaram o elitismo e autoritarismo de importantes segmentos da UDN.³⁷ O golpismo viria mais claramente após a eleição seguinte, quando Vargas triunfa nas urnas e a vocação democrática de parte dos udenistas é seriamente comprometida³⁸.

Novamente, é preciso ressaltar a diversidade no interior da UDN. A via golpista era abertamente defendida por Carlos Lacerda, no que se diferenciava bastante do segmento dos bacharéis, especialmente nos anos 1950. A oratória inflamada e o hábil uso da mídia – jornais e TV – contribuíram decisivamente para projetar o jornalista como o grande opositor aos governos de JK e João Goulart³⁹, mas suas ideias não eram consensuais dentro do partido.⁴⁰

Uma vertente conservadora também informa a cultura udenista. Em tempos de usos e abusos do termo conservador, é imprescindível explicitar a acepção adotada aqui. Em primeiro lugar, conservador não se confunde com tradicional, porque o tradicionalista é alguém que simplesmente “apega-se a padrões vegetativos, a modos de vida antigos” e recusa ou teme os malefícios de qualquer mudança⁴¹. O conservadorismo ou conservantismo, como escreve o autor alemão, é ação deliberada, própria da história contemporânea e que se manifesta em situações concretas, podendo tomar formas diversas. Muito sumariamente, podem-se elencar os aspectos fundamentais do pensamento ou cultura conservadora: a) o apego ao imediato, real e concreto, o que resulta na desconfiança ou oposição a tudo o que deriva da especulação ou hipótese; b) a ênfase no particular, na ação imediata, razão pela qual “não se incomoda com a estrutura”; c) a recusa do pensar no sistema, fazendo-o apenas quando é “forçado a desenvolver um sistema próprio para neutralizar o dos progressistas”⁴².

Um momento emblemático do encontro entre mineiridade e udenismo ocorreu em 1946, mais precisamente no dia 16 de julho de 1946, quando Gilberto Freyre proferiu a palestra “Ordem, Liberdade, Mineiridade” para os estudantes da Faculdade de Direito da Universidade de Minas Gerais (futura UFMG).⁴³ Nesse dia, Freyre colocou a mineiridade na historiografia, conferindo grande

³⁷ FERREIRA, Jorge. A democratização de 1945 e o movimento quererista. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília A. N. (Orgs.). *O Brasil Republicano*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, v. 3.

³⁸SKIDMORE, Thomas. *Brasil: de Getúlio a Castelo*. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

³⁹ Sobre o lacerdismo e a eficácia do uso da imprensa por parte de Lacerda, cf. DELGADO, Márcio de Paiva. Lacerdismo: a mídia como veículo de oposição na experiência democrática (1946-1964). *Locus*, Juiz de Fora, v. 12, n. 2, p. 137-153, 2006.

⁴⁰ Para um exame detalhado e consistente das diferenças entre Lacerda e os bacharéis, cf. CHALOU, 2015, p. 92-103.

⁴¹ MANNHEIM, Karl. O significado do conservantismo. In: FORACCHI, Marialice Mencarini. (Org.). *Karl Mannheim*. São Paulo: Ática, 1982. p. 108.

⁴²MANNHEIM, 1982, p. 117-118.

⁴³ FREYRE, Gilberto. Ordem, liberdade, mineiridade. Conferência lida na Faculdade de Direito de Belo Horizonte, na noite de 16 de julho de 1946. In: PEREIRA, Francelino. *Gilberto Freyre*. Brasília: Senado Federal, 2000.

publicidade ao termo que, possivelmente, foi forjado por Aires da Mata Machado Filho em conferência de 1937⁴⁴.

O título não poderia ser mais preciso. Ao longo da sua fala, Freyre exalta a UDN, trata da dialética ordem-liberdade, apontando os mineiros como mestres da arte de equilibrar as duas forças e produzir soluções médias, evitando os extremismos que seriam, como tais, simplistas. Entre outras, uma tese atravessa todo o raciocínio de Freyre: a realidade social é complexa, exigindo do cientista social e do agente político a arte de considerar e incorporar as diversas variáveis. A rigor, é uma visão característica do pensamento conservador, especialmente na sua variante cética, como se percebe claramente na obra de Oakeshott⁴⁵.

Freyre parecia ecoar o Manifesto dos Mineiros, para o qual a nação carecia dos homens “fadados a governá-la, e a enaltecê-la no concerto das grandes potências”. Homens mineiros, de preferência, porque MG não abandona sua “instintiva inclinação para sentir e realizar os interesses fundamentais de toda a nação.”⁴⁶

A crítica à política de tipo pessedista-pragmática, matreira, clientelista e mesmo corrupta, embora não por completo, a afirmação da UDN como repositório da integridade moral, “acima de qualquer suspeita”, um certo elitismo e salvacionismo são conhecidos aspectos do udenismo e aparecem com enorme frequência nas falas, atuações e memórias de Oscar Dias Corrêa. Pode-se dizer que, em sua visão, apenas a UDN salvaria a República da degenerescência, ainda que não chegasse ao poder, contanto que preservasse sua pureza e missão.

O arqui-inimigo de Juscelino de Oliveira

É possível que o udenismo visceral e o anti-juscelinismo sejam as duas características mais facilmente associadas à imagem política de Oscar Corrêa. Nessa parte, o seu combate contra o PSD e contra Juscelino, especialmente entre 1945 e 1955, será nosso recorte, razão pela qual outros momentos e aspectos cruciais da história ficarão de lado, entre eles, a crise política de novembro de 1955. Nesta, as manobras golpistas costuradas por Carlos Lacerda e segmentos militares⁴⁷ foram detidas pelo chamado contragolpe dos generais Henrique Teixeira Lott e Odílio Denys, em estreita articulação com José Maria Alkmin, deputado mineiro próximo a JK, que ficou conhecido como o “chefe civil” do

⁴⁴ RAMALHO, 2015, p. 10.

⁴⁵OAKESHOTT, Michael. *A política de fé e a política do ceticismo*. São Paulo: É Realizações, 2018.

⁴⁶ MANIFESTO DOS MINEIROS, Belo Horizonte, 1943. (Manuscrito).

⁴⁷ As estreitas relações, bem como tensões e conflitos, entre udenistas e militares datam da fundação do partido, em 1945, e prosseguem ao longo da República de 1946: GAIO, André Moysés. Afinidades eletivas entre a União Democrática Nacional e as Forças Armadas Brasileiras. *Diálogos*, DHI/UEM, v. 6. p. 31-40, 2002.

movimento que quebrou temporariamente a legalidade para garantir o cumprimento da constituição, conforme defesa de seus protagonistas.⁴⁸

Oscar Dias Corrêa não participou no centro da crise de novembro de 1955. Àquela altura da história, ele ainda era um jovem deputado, ainda fora da cúpula político-partidária.

Poucos nomes tornaram-se tão difundidos no Brasil como o de Juscelino Kubitschek. Além disso, embora existam casos como o de Jango, seu contemporâneo, e, mais recentemente, ACM – Antônio Carlos Magalhães –, dificilmente encontra-se, no Brasil, uma sigla representativa de um nome que seja mais conhecida do que JK.

Na contramão, possivelmente sozinho, Oscar recusava as duas formas, referindo-se sempre ao seu adversário político como Juscelino de Oliveira. Assim foi nos tempos de combate direto, nos anos 1950, na tribuna e em textos na imprensa.

Após Juscelino tornar-se presidente, Oscar Corrêa passou a mencionar a palavra Kubitschek, mas ainda o fazia com muita parcimônia. O hábito de evitá-lo para ter se tornado tão forte que mesmo na longa entrevista que concedeu ao Projeto Memória Política de Minas, da Assembleia Legislativa de Minas Gerais (ALMG), em 1994 e publicado em 2000⁴⁹, o ex-deputado continuava a falar, com raríssimas exceções, apenas “Juscelino”. Ainda que não seja possível medir, é razoável imaginar que essa inusitada atitude contribuiu para singularizá-lo compositor a Juscelino, o que lhe rendia dividendos políticos.

Entre os grupos e tendências dentro da UDN, a divisão mais conhecida é entre os “pragmáticos” e os “históricos”. Os primeiros, também tidos como “realistas”, “pragmáticos”, reuniam nomes expressivos como Juraci Magalhães, Octávio Mangabeira e Magalhães Pinto aí incluídos também deputados “chapa branca” dos anos JK e a “Bossa Nova” dos anos 1960. O segundo grupo se via como a UDN mais autêntica, composta por liberais históricos, exímios oradores, grandes mestres do Direito. Entre estes, destacavam-se Milton Campos, Adauto Lúcio Cardoso, Aliomar Baleeiro, Pedro Aleixo, Prado Kelly, Bilac Pinto, Virgílio de Melo Franco e Oscar Dias Corrêa. É possível que os dois últimos constituíssem um subgrupo, o dos intransigentes, tendo o segundo sucedido o primeiro, falecido em 1946, no oposicionismo mais mercurial.

Traçar um perfil ideológico de Oscar Dias Corrêa não é tarefa fácil. A pesquisa segue, como se estivéssemos tentando montar um quebra-cabeça, com a diferença de que não temos a pretensão de que as partes venham a se encaixar com perfeição. As peças reunidas até agora indicam um pensamento

⁴⁸ Sobre as articulações civis e militares pró-JK/João Goulart, tendo à frente José Maria Alkmin, Lott e Odílio Denys, cf. PEREIRA, Laurindo Mekie. Importância e limite da democracia na cultura política brasileira (1955/1964): uma análise a partir da trajetória de José Maria Alkmin. *Tempos Históricos*, vol. 21, p. 356-384, 1º sem. 2017.

⁴⁹ MINAS GERAIS, 2000.

em transformação no tempo, e complexo, aparentemente contraditório, na conjuntura específica dos anos 1950.

Em palestra ministrada na Faculdade de Direito da UERJ, em 2005, rememorando suas aulas de economia de décadas atrás, Oscar explicitava sua aversão ao marxismo/socialismo/comunismo. Seguramente, essa dimensão de sua identidade política não se alterou. Na sequência, ele indica os aspectos afirmativos de sua identidade, dizendo-se neoliberal e neo-capitalista⁵⁰.

Essa declaração, de 2005, possivelmente foi um dos seus últimos pronunciamentos em público. É o ponto máximo do seu liberalismo, especialmente em economia. Observada de forma panorâmica, sua trajetória indica que suas posições nessa área descrevem uma linha razoavelmente delineada, dirigindo-se do centro para a direita. O ultra-liberalismo manifesto em 2005 não combina com diversas passagens das memórias produzidas em 1995, na já citada entrevista à ALMG, na qual Oscar Corrêa defende a necessidade de monopólio do Estado sobre áreas específicas como a energia nuclear e o petróleo⁵¹.

Voltando para os anos 1950, que nos interessam mais de perto aqui, encontramos um parlamentar com discurso multifacetado, que defende, entre outros pontos, o restabelecimento “das relações comerciais e diplomáticas com os países comunistas”, a Petrobrás, a “taxação rigorosa dos lucros excessivos”, a “intervenção do Estado na economia: apenas o indispensável”, a “participação dos empregados nos lucros”⁵². A publicação era insuspeita. Pode-se dizer com segurança que as bandeiras atribuídas ao deputado eram efetivamente aquelas que ele defendia. Era parte da coluna “Política em dia”, assinada por Pedro Gomes na Tribuna da Imprensa. O periódico e o colunista eram próximos a Oscar Corrêa e frequentemente publicavam matérias elogiosas a seu respeito.

As diferenças entre o que é dito nos anos 1990/2000 para o que era proclamado durante a República de 1946 saltam aos olhos. O ex-deputado parece hoje muito mais liberal do que foi ontem.

As bandeiras de ontem parecem, à primeira vista, contraditórias. Como restringir a intervenção do Estado ao mínimo e, simultaneamente, submeter os lucros privados à participação dos empregados e à taxa rigorosa quando forem excessivos?

À luz da leitura de Maria Victória Benevides, esses lemas de Oscar Corrêa são expressões das ambiguidades do liberalismo udenista.⁵³ Quando examinados com um pouco mais de acuidade, os documentos produzidos naquele tempo indicam um quadro cinzento, com posições matizadas. O Manifesto dos Mineiros, de 1943, sem descer a detalhes, preconizava uma “democratização da economia” porque, afinal, o “tempo do liberalismo passivo já findou”. Por sua vez, Gilberto Freyre falava expressamente que “o caminho a ser tomado imediatamente pelo Brasil, é, contra a opinião de

⁵⁰CORRÊA, 2005. Disponível em: <<http://www.direitouerj.org.br/2005/fdir70/depOC.htm>>. Acesso em: 9 fev. 2019.

⁵¹ MINAS GERAIS, 2000, p. 339.

⁵² GOMES, Pedro. Coluna Política em Dia, *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, 18 abr. 1955, p.2.

⁵³ BENEVIDES, 1981.

três ou quatro liberalões mais retardatários, na necessidade de planificação, não apenas da economia, mas da reconstrução social”⁵⁴.

Para além de ambiguidades, Jorge Gomes de Souza Chaloub identifica um projeto. As ideias econômicas dos bacharéis da UDN, como foi assinalado antes, são elementos constitutivos de uma visão de mundo em que a dimensão política tem proeminência, daí a centralidade conferida ao Estado e, por conseguinte, aos agentes que deveriam atuar no seu interior.⁵⁵

É nesse ponto que os udenistas, especialmente o segmento dos bacharéis, se viam como os antípodas do PSD. No manual do bom pessedista, como sintetizado por Lúcia Hippólito, sobressaía o pragmatismo, as soluções centristas e conciliadoras, o respeito ao vitorioso nas urnas, pouco importando os meios utilizados para tal, e valorizava-se a experiência política, construída ao longo de sucessivos enfrentamentos nas mais diferentes esferas do poder.⁵⁶

Por sua vez, os bacharéis viam-se como os homens virtuosos, acima dos interesses particulares, capazes de trabalhar pelo país, estadistas. Nos termos de Chaloub,

As virtudes públicas dependeriam da boa qualidade dos homens – em chave de claro teor aristocrático –, não de mecanismos impessoais de produção de regularidades. Justamente por isso, para os bacharéis, a presença de verdadeiros líderes, os “estadistas” na terminologia de Arinos, era fundamental para o bom andamento da sociedade, que padeceria quando submetida aos falsos governantes, os caudilhos.

É este viés aristocrático que, no fundo, constitui a principal diferença entre pessedistas e udenistas, observa Benevides. O sentido de excelência e superioridade que os udenistas alegavam possuir é mais relacionado à honra e à tradição do que a competência/*achivement*. É um “traço estamental”, daí a ênfase na tradição, na família, nos grandes nomes.⁵⁷

Por sinal, Milton Campos, governador de Minas Gerais entre 1947 e 1951, um dos principais nomes entre os bacharéis da UDN, é exaltado por Oscar Dias Corrêa exatamente por sua “dignidade”, pelo caráter “inatacável”. Em suas memórias, mesmo percorridas quatro décadas do fato, Oscar Correa mostra-se indignado com os resultados das eleições de 1960, quando Milton Campos foi derrotado por João Goulart, inclusive em Minas Gerais:

Pergunto aqui o seguinte: alguém, em são consciência, neste país, pode explicar como, numa disputa para vice-presidente da República, João Melchior Marques Goulart possa ter mais votos em Minas do que Milton Soares Campos? Não dá para explicar.

⁵⁴ FREYRE, 1946, p. 42. In: PEREIRA, 2000.

⁵⁵ CHALOUB, 2017.

⁵⁶ HIPPOLITO, Lúcia. *De raposas e reformistas: o PSD e a experiência democrática brasileira (1945-64)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985, p. 44-47.

⁵⁷ BENEVIDES, 1981, p. 256-257

O Milton era muito mais conhecido, muito mais digno, muito mais competente, muito mais sério, muito mais... tudo. E perdeu.⁵⁸

Além da exaltação de Milton Campos, a presunção udenista fica evidente no trecho citado, assim como os erros de avaliação do cenário político. Nesse aspecto, os bacharéis repetem o equívoco que já cometiam nos anos 1940, quando duvidavam do prestígio eleitoral de Getúlio Vargas, diferentemente de Carlos Lacerda que, desde então, sabia das dificuldades a serem enfrentadas na via eleitoral e cogitava soluções golpistas.⁵⁹

Se Campos despertava a admiração de Oscar por causa do caráter, Bilac Pinto e Aliomar Baleeiro atraíam-no por causa do vasto conhecimento. Eles eram, para o deputado de Itaúna, os “homens mais preparados para a atividade pública”.⁶⁰ A condição comum de professores certamente contribuiu para a aproximação entre eles, permitindo a Oscar quebrar a barreira da diferença de geração que os separava.⁶¹

Sem lugar a dúvidas, Oscar integrava o grupo dos bacharéis no interior da UDN mineira. No entanto, era um pouco mais pragmático do que seus colegas, especialmente Milton Campos, a quem, apesar do enorme respeito, censurava por ser polido demais e menos político do que deveria ser, especialmente quando foi governador, o que teria possibilitado ao PSD conservar diversos postos estratégicos na máquina estadual.⁶²

No primeiro mandato como deputado estadual, entre 1947 e 1951, Oscar integrou a Comissão Constitucional, responsável pela elaboração de uma nova Constituição para o Estado, Comissão Especial de estudo do aproveitamento do Rio São Francisco e outras. Desde então, começou a notabilizar-se pelo uso da tribuna. Por sinal, foi o primeiro a discursar na Assembleia Legislativa na legislatura que começava em março de 1947⁶³.

A primeira eleição para governador em Minas Gerais após o fim do Estado Novo e o início do mandato de Milton Campos/UDN (1947-1951) foram marcados por uma aliança inusitada. O PSD dividira-se em duas alas, a liberal e a ortodoxa, o que facilitou a vitória do candidato udenista que contou com o apoio do primeiro grupo. Já governador, Campos mantinha boas relações com seus apoiadores pessedistas, além de evitar exonerações e nomeações nas diversas instituições obedecendo a critérios partidários. As duas atitudes exasperavam Oscar Corrêa porque ele não confiava na Ala Liberal nem concordava com a postura excessivamente técnica que o novo governador adotara na sua gestão, preferindo que ela fosse mais política. Afinal, os udenistas “sabiam que a UDN era um partido de

⁵⁸ MINAS GERAIS, 2000, p. 381.

⁵⁹ CHALOUB, 2015, p. 97.

⁶⁰ MINAS GERAIS, 2000, p. 281.

⁶¹ MINAS GERAIS, 2000, p. 282.

⁶² MINAS GERAIS, 2000.

⁶³ MINAS GERAIS, 2000, p. 84.

sacrifícios”, mas Milton Campos passava dos limites. Impetuoso, Oscar interpelava o próprio Governador: “Dr. Milton, a UDN ganhou o governo! O senhor tem que prestigiar a UDN, porque amanhã, na hora em que precisar, quem vai ficar com o senhor é a UDN, e não o PSD.”⁶⁴

Vice-líder da UDN, de alguma forma a voz de Oscar era também a voz do partido e do governo. No entanto, isso não foi o suficiente para conter os ânimos do jovem deputado que, “com aquela irresponsabilidade dos 27 anos”⁶⁵, bateu forte nos liberais, acusando-os de deslealdade. Rompeu com eles antes que eles rompessem com Milton Campos e que o PSD mineiro fosse reunificado.

A fama de brigador seria amplamente difundida no segundo mandato. Mais do que uma ala ou um partido, o inimigo então era uma liderança específica, o governador Juscelino de Oliveira.

Em artigo de 1955, Oscar Corrêa elenca os adjetivos mais utilizados pela bancada udenista contra Juscelino durante o seu governo em Minas Gerais, destacando que, desde então, ele e seus colegas de UDN haviam desnudado o governador e posteriormente candidato a presidente:

governo do embuste, da farsa, da mistificação, da burla, do engodo, do calote, da ‘chantagem’, da mentira, da má fé, da pândega, da patuscada, do pagode, da bambochata, governo irresponsável, governo cadoz; e algumas palavras que, unidas e outras, chegam a dizer coisas bem interessantes: peculato, suborno, desonestidade, imoralidade, desvario, desmando, arbitrariedade, violência, mazorca, etc. etc.⁶⁶

Além dos discursos, a oposição à gestão juscelinista em Minas foi marcada pela façanha da minoria em impor ao governo, ao PSD e seus aliados, por nove meses, servindo-se de sucessivas manobras regimentais, a obstrução do projeto que autorizava o governador a contrair empréstimo de dois bilhões de cruzeiros para obras viárias. Como explica Oscar Corrêa, o regimento era por demais aberto, permitindo a todos os parlamentares, entre outras coisas, duas horas para discutir um projeto e ainda ceder o tempo para outro colega. Organizados, Oscar à frente, os 19 deputados da UDN, mais 3 do Partido Democrata Cristão – PDC, faziam discursos quilométricos acerca de projetos e temas banais, com o fim explícito de adiar a apreciação do projeto do empréstimo. “Para mim essa foi uma das melhores coisas da história”, sintetiza o deputado de Itaúna/MG⁶⁷.

Além de aguerrido, Oscar era um debatedor muito culto e, a julgar pelo que ele próprio confessa em suas memórias, uma figura não muito agradável para seus adversários. Uma ilustração disso é a humilhação que impôs a Hermelindo Paixão, colega de Assembleia Estadual que se arriscou a citar Dante Alighieri em sua fala, criticando a obstrução praticada pela UDN.

⁶⁴ MINAS GERAIS, 2000, p. 136,135.

⁶⁵ MINAS GERAIS, 2000, p. 212.

⁶⁶ CORRÊA, Oscar Dias. Batuta jogralesca. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 17 mar. 1955, p. 4.

⁶⁷ MINAS GERAIS, 2000, p. 156.

Segundo relata Oscar, Paixão teria dito que a “UDN devia ser colocada no círculo dos invejosos de Dante”⁶⁸. Oscar sabia italiano, tinha a *Divina Comédia* como livro de cabeceira, sendo, posteriormente, um dos seus tradutores para o português. A menção ao escritor italiano era uma oportunidade de ouro para ele alongar ainda mais os debates e, de quebra, demonstrar seus conhecimentos em idiomas e literatura. Aparteou o colega: “V. Exa. deveria seguir o conselho de Dante: *Non raggionam dilor, ma guarda e passa*”. O debate prossegue com Hermelindo confuso e Oscar aparteando-o sempre com frases em italiano, língua desconhecida do primeiro. A certa altura, Oscar, ironizando a eloquência do seu adversário diz que ele o lembrava a passagem em que Dante se encontra com Virgílio, “que vai guiá-lo através do inferno, e lhe diz: *Or se’ tu quel Virgilio e quella fonte che spandi di parlar si largo fimme? (...) O delli altri poeti onore e lume.*” Atônito, “Ele diz: ‘Muito obrigado a V. Exa.’ O pessoal ria.” Ainda que a narração de Oscar Corrêa esteja transformada pelos movimentos próprios da memória e que o diálogo tenha sido menos extenso, o constrangimento salta aos olhos do leitor. Seu xeque-mate no adversário explicita o massacre: “Quando de novo lhe pedi um aparte, ele ficou calado, ao que ataquei: ‘V. Exa. pode me dar um aparte? Vou falar em português agora. V. Exa. vai entender?’. Aí a Assembleia fechou”⁶⁹.

A forte oposição a Juscelino o projetou. Em suas memórias, Oscar afirma que sua candidatura a federal fora muito arriscada e que ouvira de pessoa próxima que ele não tinha chance alguma na eleição. No entanto, conforme matéria da Coluna “Informação política”, da Tribuna da Imprensa, Oscar Dias Corrêa integrava uma lista de “deputados mineiros da UDN” tidos como eleitos, previsão feita às vésperas da eleição, em 28 de setembro de 1954. É interessante que seu nome estivesse nas ilustres companhias de Milton Campos, Pedro Aleixo, Afonso Arinos e Gabriel Passos⁷⁰.

Em novembro, comentando os resultados das eleições parlamentares, o jornal de Lacerda publicou matéria elogiando deputados que se elegeram sem gastar dinheiro. O título da reportagem, em letras garrafais, sintetiza a ideia do texto: “É FÁCIL ELEGER-SE COM DINHEIRO: DIFÍCIL É SEM ELE”. Entre os do segundo tipo estavam Oscar Dias Corrêa, Fernando Ferrari, Aluísio Alves, José Bonifácio e outros⁷¹.

Esse discurso é coerente com a linha geral que ele tenta construir em sua entrevista ao projeto “memória política de Minas”, da ALMG, de um político diferente, que se elegia apenas por seus

⁶⁸ Um incêndio em 1959 destruiu parte dos arquivos da ALMG, razão pela qual há uma lacuna em sua documentação entre fins da década de 1940 e o final dos anos 1950.

⁶⁹ MINAS GERAIS, 2000, p. 156-157.

⁷⁰ DEPUTADOS mineiros da UDN, *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, 28 set. 1954, p. 3.

⁷¹ É FÁCIL eleger-se com dinheiro: difícil é sem ele. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, 16 nov. 1954, p. 1.

méritos, pela identificação do eleitor com suas ideias, da completa lisura de suas campanhas, da ausência de qualquer financiamento de empresas ou instituições⁷².

Em dezembro de 1954, Oscar Dias Corrêa começou a escrever para o Diário de Notícias, jornal sediado no Rio de Janeiro e explicitamente contrário a Juscelino Kubitschek, à época já colocado como pré-candidato à Presidência da República. Abaixo do título, que variava conforme o conteúdo, as publicações do parlamentar mineiro vinham sempre com a assinatura “Oscar Dias Corrêa” e, embaixo do seu nome, a identidade: “Deputado da União Democrática Nacional”.

Do primeiro texto, publicado em 15 de dezembro de 1954, ao último, de 29 de junho de 1955, o autor ocupou-se de criticar “Juscelino”. A coluna não tinha periodicidade fixa. Foi mais numerosa nos primeiros meses – 9 vezes em dezembro/1954, 6 em janeiro/1955 – e mais espaçada nos últimos – 3 em fevereiro/1955, 4 em março/1955, uma em abril/1955, nenhuma em maio, 3 em junho/1955.

A concentração em dezembro de 1954 e janeiro de 1955 não foi por acaso. Naqueles meses, os bastidores do PSD eram agitados pelas disputas internas para a definição do candidato do partido à Presidência da República. JK enfrentava resistências no próprio PSD mineiro, especialmente de Benedito Valadares, e também em âmbito nacional, com a pré-candidatura de Etelvino Lins, com base no Nordeste e apoios no Rio Grande do Sul e Santa Catarina⁷³.

Nessa fase, mais do que nos tempos eleitorais, os gestos e palavras são dirigidos muito mais aos agentes no interior do campo político⁷⁴ – os pares, aliados, adversários e inimigos – do que aos eleitores.

O combate contra Juscelino não era fácil. Como observa Cláudio Bojunga, não fazia muito sentido associá-lo ao comunismo por causa de sua explícita parceria com a iniciativa privada em Minas Gerais nem era muito produtivo colar nele a pecha de nacionalista e protecionista. Nesse cenário, o mais interessante, para a UDN, era acusá-lo de corrupção, alguém partícipe do “mar de lama varguista”⁷⁵.

Para tanto, melhor ainda que a crítica partisse de um mineiro, que conhecesse bem a sua gestão estadual que, ao fim das contas, era apresentada por seus apoiadores como modelar, base para um projeto semelhante em âmbito nacional.

Oscar Dias Corrêa era, então, o homem adequado para esse trabalho. Seus textos eram furiosos. Em diversas situações, suas acusações eram graves. Na estreia, usando o sugestivo título “Convite à

⁷²É possível desconstruir ou relativizar esse discurso, usando fontes diversas, incluindo trechos das próprias memórias, momentos nos quais o entrevistado cai em contradições, mas não há espaço hábil para esse exercício neste artigo.

⁷³FGV CPDOC. Disponível em: <<http://www.fgv.br/Cpdoc/Acervo/dicionarios/verbete-biografico/etelvino-lins-de-albuquerque>>. Acesso em: 10 set. 2019. BOJUNGA, Cláudio. *JK: o artista do impossível*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. p. 269.

⁷⁴BOURDIEU, Pierre. *Meditações Pascalianas*. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. p. 121, 169.

⁷⁵BOJUNGA, Cláudio. *JK: o artista do impossível*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. p. 282.

valsa”⁷⁶, identifica Juscelino como o candidato das “viúvas, gregórios e P.S.D.”, numa clara iniciativa de associá-lo a Vargas e ao atentado contra Carlos Lacerda. Ataca, então, diretamente a Juscelino, a quem acusa de “leviandade e faltar com verdade” e procura desconstruir a imagem de bom gestor, qualificando seu governo em Minas como “regime de regabofe e desperdício, de mentira e violência”⁷⁷.

No dia seguinte, 16 de dezembro de 1954, Oscar Corrêa voltou à carga. No mesmo tom, investiu na construção e difusão da imagem de Juscelino como fanfarrão e imoral e trouxe para o centro do debate o seu *entourage*: “insaciável”, sequioso, presente em “negociatas”, “marmeladas, a exemplo da “FURTISA” (trocadilho para referir-se à FERTISA – Fertilizantes Minas Gerais S.A.). Os áulicos que cercam Juscelino e o defendem, afirmava o deputado, “sonham com negócios mais vultosos e comissões”, “sonham com sua inegável complacência com falcatruas”. Preparando o terreno para a coluna seguinte, ele questiona também a veracidade dos dados divulgados sobre “binômio” em Minas Gerais⁷⁸.

Nas colunas de 17 e 18 de dezembro, respectivamente intituladas “Transportes... de oratória” e “A energia... verbal de Juscelino”⁷⁹, o deputado investe contra a “propaganda” feita em nível estadual e nacional sobre as realizações do governo JK em Minas Gerais. Além de mau gestor e corrupto, Juscelino seria também um governante irresponsável, cuja fama de realizador de grandes empreendimentos era pura construção de uma publicidade “custosa, corruptora e mentirosa”⁸⁰.

Os textos publicados ainda em dezembro de 1954 e no início do ano seguinte persistem no esforço de desconstrução do discurso desenvolvimentista de JK e, simultaneamente, atacando sua gestão imoral. Em janeiro, Oscar coloca na sua alça de mira a imagem de moderno, democrata e conciliador do pré-candidato do PSD. Com o provocativo título “Paz e chicote”, a coluna de 09 de janeiro de 1955 acusa os “homens do governo ou do partido do governo” de “toda sorte de arbitrariedades e desmandos”⁸¹.

O governador de Minas Gerais seria o chefe de uma velha política coronelista. Seria raro o município onde os juscelinistas não “tenham tentado fazer da ameaça do chicote ou da cadeia, o meio eficaz de conseguir adesões ao seu partido”⁸². Dando cores vivas ao argumento, Oscar denunciava:

Aos que se opunham, tentava-se subornar e, falhando a corrupção, intimidava-se com o delegado municipal ou o cabo do destacamento. A política passou a fazer-se na

⁷⁶CORRÊA, Oscar Dias. Convite à valsa, *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 15 dez. 1954, p. 4, 6.

⁷⁷ CORRÊA, Oscar Dias, 15 dez. 1954, p. 4, 6.

⁷⁸CORRÊA, Oscar Dias. Mineiro da boêmia. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 16 dez. 1954, p. 4.

⁷⁹CORRÊA, Oscar Dias. Transportes... de oratória. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 17 dez. 1954, p. 4; A energia...verbal de Juscelino. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 18 dez. 1954, p. 4.

⁸⁰ CORRÊA, Oscar Dias. A energia... verbal de Juscelino. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 18 abr. 1954, p.4.

⁸¹ CORRÊA, Oscar Dias. Paz e chicote. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 09 jan. 1955, p. 4.

⁸²CORRÊA, 09 jan. 1955.

delegacia. Prendia-se a mando do chefe pessedista e soltava a seu pedido (jogo convenientemente combinado), quando, sob a promessa de adesão incondicional a família do preso a ele recorria⁸³.

Além de apresentar Juscelino e seus amigos como autoritários e violentos, o candidato é também apontado como desleal, não honrando os compromissos assumidos com seus aliados do Partido Republicano - PR mineiro. O recado ao campo político não poderia ser mais direto: JK não seria confiável nem para seus aliados, além de ser péssimo para o país.

A artilharia verbal prosseguiu no mês de janeiro, sendo grande parte das colunas dedicadas a desqualificar o pré-candidato Juscelino como representante mineiro, contrapondo sua conduta reprovável com as tradições mineiras: “Esse o título maior que o sr. Juscelino ostenta perante o país: o de haver instalado em Minas o clima da insegurança, da desobediência à lei, do desrespeito às garantias individuais, do desapareço pelos direitos políticos do cidadão, de haver restaurado o terror no solo da Liberdade!”⁸⁴.

A série de artigos anti-juscelinistas projetara Oscar em âmbito nacional. Nos termos do jornal Tribuna da Imprensa, “O cartão de visita do deputado Oscar Dias Corrêa, apresentando-se à opinião pública nacional, foi a sua colaboração no ‘Diário de Notícias’”⁸⁵. Prestes a ser empossado deputado federal, Oscar Corrêa começava a destacar-se no início de 1955. Em 18 de janeiro daquele ano, o jornal carioca noticiava a realização de um evento de desagravo a Carlos Lacerda por causa dos insultos a que ele teria sido exposto em Juiz de Fora/MG. Entres os nomes escalados para discursar no evento em favor de Lacerda estava “Oscar Dias Corrêa que tem dissecado publicamente Juscelino da tribuna da Assembleia Mineira e na imprensa daquele Estado e daqui do Rio”⁸⁶.

No dia 10 de fevereiro de 1955, após duas sessões longas e tumultuadas, o PSD escolheu JK como candidato. Dois dias depois, Oscar admitiu a derrota na coluna “Enfim, candidato”. Dali em diante, a batalha era para derrotar Juscelino nas urnas. Aparentando otimismo, Oscar previa que, em abril, a renúncia de Juscelino ao governo de Minas Gerais obrigaria seu sucessor a dizer a realidade caótica de MG e então o Brasil conheceria quem era o candidato do PSD e seu projeto presidencial seria como “um balão que se esvazia”. A história não deu razão ao profeta.

No primeiro dia em que Oscar Corrêa usou a tribuna da Câmara Federal concentrou-se em defender Milton Campos, a quem o deputado Último de Carvalho (PSD/MG) comparava com Juscelino Kubitschek em caráter, embora dissesse que o segundo era muito mais dinâmico. Carvalho e

⁸³CORRÊA, 09 jan. 1955.

⁸⁴CORRÊA, Oscar Dias. O terror em Minas. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 12 jan. 1955, p. 4.

⁸⁵GOMES, Pedro. Coluna Política em Dia, *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, 09 fev. 1955, p. 2.

⁸⁶ASSEMBLEIA de desagravo a Lacerda. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, 18 jan. 1955, p. 3.

Corrêa eram velhos conhecidos da política mineira. Assim que o pessedista tocou no sagrado (para Oscar) nome de Milton Campos, provocativamente o comparando a JK, Oscar reagiu:

O Sr. Oscar Corrêa- Permite V. Exa. um aparte?

O SR. ÚLTIMO DE CARVALHO – EU já esperava V. Exa. há muito tempo (*riso*)

O Sr. Oscar Corrêa – Se era esse o desejo de V. Exa., colaboro para minorar seu sofrimento na tribuna.

O SR. ÚLTIMO DE CARVALHO – V. Exa. é a minha sombra.

O SR. Oscar Corrêa – Agradeço e ficaria satisfeito se V. Exa. servisse de minha luz.

O SR. ÚLTIMO DE CARVALHO – Quem proporciona essa sombra é justamente a luz, o grande Presidente Carlos Luz, proporcionando o aparte de V. Exa.⁸⁷

As amabilidades iniciais eram pura *mise en scene* própria da política. Logo na sequência Oscar desfechou duro ataque a Juscelino Kubitschek, falando do “descalabro moral”, da “desordem jurídica” e “derrocada financeira” do seu governo⁸⁸.

A estreia de Oscar Corrêa na Câmara Federal também foi celebrada pelo jornal de Lacerda, ampliando para o âmbito nacional o que já era conhecido no campo político em Minas: o udenismo, o combate a Juscelino e o domínio da tribuna. Para o periódico, Oscar Corrêa era “Udenista à toda prova (traz sempre o escudo da UDN na lapela) e é o homem da bancada mineira que melhor conhece a história do Sr. Juscelino Kubitschek. Estreando ontem na Câmara, em apartes, o jovem udenista de Minas impressionou logo pela sua segurança no debate.”⁸⁹

Na campanha eleitoral de 1955, em que Kubitschek saiu vitorioso, Oscar trabalhou bravamente por Juarez Távora (UDN), em reuniões, comícios, nas ruas, pelos jornais e na tribuna da Câmara onde, entre outras coisas, fazia denúncias diretas de corrupção praticada por Juscelino⁹⁰. Era uma campanha difícil, relembra Oscar, inclusive porque Juarez Távora era um candidato sem “jogo de cintura” contra o outro que tinha “excesso de jogo de cintura. E não só de cintura, era de corpo também. Tinha jogo de corpo e alma. [*risos*] Ele fazia qualquer negócio.”⁹¹

Durante a gestão federal de JK, a guerra continuaria, sem tréguas, sem negociação, sem perspectiva de armistício. Integrando o Club da Lanterna, parceiro de Carlos Lacerda, Oscar Corrêa era orador frequente. Um registro de 1958, feito por um jornal pró-JK, permite um vislumbre do embate: “Anteontem, foi o deputado Oscar Dias Corrêa que ocupou a tribuna para assacar as mais violentas

⁸⁷DIÁRIO DO CONGRESSO NACIONAL. 9 fev. 1955, p. 850.

Disponível em: <<http://imagem.camara.gov.br/Imagem/d/pdf/DCD09FEV1955.pdf#page=>>. Acesso em: 11 set. 2019.

⁸⁸DIÁRIO DO CONGRESSO NACIONAL. 9 de fevereiro de 1955.

⁸⁹GOMES, Pedro. Coluna Política em Dia, *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, 09 fev. 1955, p. 2.

⁹⁰CORRÊA, Oscar Dias. Não explica o Sr. Juscelino a sua imensa fortuna. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 22 set. 1955, p.3, 7.

⁹¹MINAS GERAIS, 2000, p. 380.

acusações contra seus adversários políticos. Por pouco, não chegaram a extremos o orador e o Deputado Starling Soares. Os paletós, pelo menos, foram afastados, para que os revólveres ficassem à vista.”⁹²

Oscar Corrêa admite que “as ideologias pessedista e udenista eram mais ou menos as mesmas, embora os programas, ao contrário do que dizem, fossem diferentes. “O programa da UDN é muito mais adiantado do que o do PSD”⁹³. Então, qual a razão de tanta virulência naqueles embates? “O negócio da UDN era contra o PSD. Nós achávamos que o bem do Brasil estava sendo defendido pela UDN. A UDN era o bem, e o PSD era o mal.”⁹⁴

Quanto a Juscelino, dois graves problemas: a) “O Juscelino incompatibilizou-se com a UDN porque ele, claramente, quis acabar com ela”⁹⁵; b) “Não atribuo ao Juscelino maldades pessoais, mas desonestidades pessoais (...), possuía um caráter fraco”⁹⁶. Resumindo: “O Juscelino fez um bem ao Brasil: estabeleceu a ideia de desenvolvimento, que equivalia ao progresso inscrito na nossa bandeira. O mal foi o clima de corrupção, de falta de escrúpulo, que ele estabeleceu no governo.”⁹⁷

Considerações finais

Na campanha eleitoral de 1958, o Jornal Tribuna da Imprensa publicou uma série de pequenos depoimentos de grandes personalidades, especialmente da UDN, recomendado o voto em Oscar Dias Corrêa, que disputava a reeleição. Aliomar Baleeiro, seu colega no parlamento, parece ter feito seu texto sob encomenda:

Sábio, fluente, dinâmico, leal, honesto e bom – OSCAR DIAS CORRÊA simboliza bem os grandes parlamentares com que Minas, no Império e na República, tem enriquecido o Parlamento. oVtar (sic) nele é servir à República e à Democracia, confiando-as às mãos nobres e puras.⁹⁸

Um mineiro leal e puro, udenista, a serviço da democracia e da República é, em síntese, uma autodefinição que se percebe nos textos e discursos de Oscar Corrêa no período pesquisado e nas suas memórias.

⁹²DE NOVO a “Banda de Música” Udenista no caminho da calúnia e da desordem. *Jornal Última Hora*, Rio de Janeiro, 26 mar. 1958, p. 2.

⁹³ MINAS GERAIS, 2000, p. 89.

⁹⁴ MINAS GERAIS, 2000, p. 237.

⁹⁵ MINAS GERAIS, 2000, p. 253.

⁹⁶ MINAS GERAIS, 2000, p. 390.

⁹⁷ MINAS GERAIS, 2000, p. 391.

⁹⁸ BALEEIRO, Aliomar. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, 15 set. 1958, p. 3.

Os anos 1960 colocariam à prova essa “pureza” e esse compromisso democrático. Em 1961, Oscar Corrêa defendeu o cumprimento da Constituição no intenso debate que se seguiu à renúncia de Jânio Quadros. Durante o governo Jango, foi voz forte da “banda de música” – o grupo mais radical da oposição no Congresso Nacional. Na campanha que precedeu o plebiscito em 1963 ele foi um dos raros líderes a abraçar de forma pública e enérgica a causa parlamentarista. Em 1964, apoia a intervenção militar porque, naquele momento, nem a UDN salvaria o Brasil da “República Sindicalista” que Goulart estaria “tramando”⁹⁹.

Em 1966, depois de um tempo sem partido, Oscar Dias Corrêa, após 20 anos de vida político-partidária, renunciou ao mandato. A principal razão alegada era a extinção dos partidos e a consequente implantação do bi-partidarismo.

Eram outros tempos. Novamente, Oscar Dias Corrêa estava no centro dos debates, em determinados casos, assumindo posições singulares, suscitando questões intrigantes. São aspectos e momentos importantes em sua trajetória cujo exame e exposição demandariam a elaboração de outro texto.

Recebido: 30 de agosto de 2019

Aprovado: 09 de novembro de 2019

⁹⁹ MINAS GERAIS, 2000, v. 2, 579-580.